

Na luz do “nosso pai Tupã”, peço licença aos “índios invisíveis do outro tempo: os encantados” e às parteiras indígenas para falar sobre os saberes da tradição. Ofício do partejar que aos poucos foi sendo revelado pelo encanto da palavra, proteção que vem chegando... “A gente pede; se for à noite, a gente escuta a gaitinha assobiar, ‘piiti’; (...) de vez em quando assobiando. Nós tando com a muié, num tem medo não! Num tem perigo, Graças a Deus”. Gaitinha que assobia no terreiro da casa da mulher que pega menino, lá vai ela atender ao chamado, “a gente acende o campião da gente, e defuma, pede só a Deus primeiramente, e nossos patrão que nós tem aqui na aldeia. Acende o campião, defuma e pede! A gente solta pro ar... antes de sair de casa. Aí vai no caminho dando aquelas fumaçada e pedindo a Deus primeiramente, e os capitão, [Quem é os capitão...] os índios invisíveis do outro tempo: os encantado!”

À lua chamam de mãe; ela é “Mãe Tamainha”, simbologia da Virgem Maria, “Mãe Lua é como se fosse Nossa Senhora que abraça o mundo inteiro”, e quando vão pegar menino, “me pego com minha outra parteira [Nossa Senhora do Bom Parto], que entende mais do que eu”. Simplesmente esperam o tempo da natureza, “só nasce quando chega a hora”; de cócoras ou sentadas, assim ensinavam “as cabocla véia (...) Botava era uma peda [pedra], um pau, botava a pessoa na rudia [rodilha], a pessoa paria assim. A mãe da gente, as parteira mais véia, fazia assim pra puder o menino nascer”. Esperam a mulher “desocupar”, e se o “parto” demorar a sair, rezam para Santa Margarida. Preparam a cinta de ervas - “botava fumo, botava mentruz, alho, ali tudo, mode aquela dor da dona do corpo” - e os banhos de assento. Bisnetas, netas, filhas, sobrinhas de mulheres que “pegam menino”, que a gente chama parteiras, “os costumes indígenas, eles são hereditários pra quem tem o dom, não é pra todas as pessoas, é pra quem tem o dom”. Vem chegando, vem chegando, vem chegando, a ciência da parteira pelo dom de conhecer a natureza sagrada, rezadeiras, benzedeiros, curandeiras.



Ficha técnica

Coordenação Geral
Sumaia Vieira

Coordenação de Pesquisa
Júlia Morim

Pesquisadoras
Dan Gayoso, Bárbara Luna & Jacira França

Fotógrafo
Eduardo Queiroga

Consultora em Antropologia NASEB/UFPE |
Profa. Dra. Maria Aparecida Lopes Nogueira

Consultoria Povos Indígenas
Eliana Monteiro

Produção
Sumaia Vieira & Júlia Morim

Contato

Instituto Nômades
(81) 3454.2505 | nomades@institutonomades.org.br

Etnia Kapinawá
(87) 3855.1820 (orelhão) | Maria Beserra da Silva (Mocinha)

Etnia Pankararu
(87) 3843.1726 | Maria das Dores da Silva (Dôra - parteira)

Etnia Xucuru
(87) 9992.9432 | Geraldina Dias da Silva (D. Dina – AIS e parteira)



Saberes e Práticas das Parteiras Indígenas de Pernambuco

Kapinawá • Pankararu • Xucuru



O projeto

O *Inventário dos Saberes e Práticas das Parteiras Indígenas de Pernambuco* foi concebido como uma continuidade do *Projeto Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionais de Pernambuco*, pela necessidade de estender a pesquisa às parteiras indígenas, dada a especificidade de sua cultura e a fim de ampliar a representatividade do universo pesquisado. Utilizando a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), do Iphan, o inventário foi realizado em três das etnias indígenas mais populosas do estado - **Kapinawá, Pankararu e Xucuru** - selecionadas a partir do quantitativo de parteiras cadastradas na Secretaria Estadual de Saúde de Pernambuco - SES.

Nessas localidades, diversas foram as dificuldades para a realização da pesquisa de campo. Os lugares onde as parteiras residem são de difícil acesso, em muitos dos quais automóvel ou mesmo moto não chegam e, para entrevistar as parteiras, o percurso precisou ser feito a pé, ou mesmo a cavalo (como foi o caso de algumas aldeias da etnia Kapinawá). De um quantitativo de 90 parteiras cadastradas pela SES, foram localizadas e entrevistadas um total de 69 parteiras. Nesse inventário consideramos dois bens culturais associados ao ofício do partejar: o “Cachimbo/Cachimbada”, celebração realizada logo após o nascimento do bebê, e o ofício dos “Saberes e Práticas Tradicionais de Reza e Cura”, que compreende aquelas parteiras localizadas e entrevistadas que também são rezadeiras, benzedeiras, curandeiras, ou



que preparam “remédios do mato” e são solicitadas pelos moradores da comunidade para tratar males diversos. Foram totalizados 23 bens associados nas três etnias inventariadas.

O ofício do partejar

As narrativas demonstraram que a assistência à mulher ocorre predominantemente no parto e no pós-parto. A prática na assistência ao parto consiste simplesmente em esperar o tempo do bebê nascer, “ai eu vou e pego o menino”. Para auxiliar o trabalho de parto é costume a parturiente ser estimulada a caminhar e as parteiras oferecerem chás para aumentar a intensidade das contrações. Na hora do nascimento, a posição de cócoras ou sentada em uma “rudia” [rodilha] já foi bem comum. O costume é aguardar que a mulher “desocupe” e se o “parto” demora a sair, Santa Margarida é invocada. A placenta é enterrada.

É no pós-parto que se identifica uma maior diversidade de práticas da tradição e uso de ervas, a exemplo tanto da **cinta de ervas** - preparada pela parteira e colocada na barriga da puérpera para evitar as dores causadas pela “dona do corpo”, barriga grande e quebrada - quanto dos **banhos de assento**, “a gente cozinhava cajueiro vermelho, jarrinha, sambacaitá, fazia aquela panelona de banho, né? Aí eu despejava na bacia e lavava por aqui, por aqui”. Além do uso de uma grande diversidade de ervas em chás e banhos, as rezas são práticas tradicionais bastante presentes no ofício das parteiras, sendo algumas



Kapinawá, em Buíque (Agreste Meridional) Total

Parteiras Localizadas e Entrevistadas	12
Parteiras Inventariadas	4
<i>Bens Culturais Associados</i>	
Cachimbo/Cachimbada	0
Saberes e Práticas Tradicionais de Reza e Cura	5

Pankararu, em Jatobá, Tacaratu e Petrolândia (Sertão de Itaparica) Total

Parteiras Localizadas e Entrevistadas	30
Parteiras Inventariadas	22
<i>Bens Culturais Associados</i>	
Cachimbo/Cachimbada	1
Saberes e Práticas Tradicionais de Reza e Cura	10

Xucuru, em Pesqueira (Agreste Central) Total

Parteiras Localizadas e Entrevistadas	27
Parteiras Inventariadas	15
<i>Bens Culturais Associados</i>	
Cachimbo/Cachimbada	1
Saberes e Práticas Tradicionais de Reza e Cura	6

delas específicas da religiosidade indígena que não podem ser reveladas aos de fora.

O contexto atual

A transmissão e a reprodução dos saberes e práticas do ofício do partejar se encontram em situação de fragilidade. A realidade é que muitas parteiras entrevistadas há tempo que não “pegam menino” e seus saberes não vêm sendo repassados. Na aldeia Mina Grande (Kapinawá), por exemplo, há cerca de 10 anos não nasce mais nenhum bebê pelas mãos de parteira. Nas três etnias é recorrente a redução do quantitativo de partos assistidos por parteiras em domicílio devido a um conjunto de fatores: a disponibilidade dos veículos da FUNAI e da FUNASA para a transferência da parturiente para o hospital e o incentivo da sociedade ampla ao parto hospitalar, por exemplo, tem estimulado o deslocamento para o hospital - “uma foi incentivando as outra, né? Foi tempo que a FUNAI tinha carro disponível. Foi tempo que entrou a FUNASA. E aí por diante, né?”. As narrativas indicam que a partir de 1990 as mulheres passaram com maior frequência a terem seus filhos no hospital. Na etnia Pankararu, no entanto, percebe-se um incentivo ao parto domiciliar assistido por parteiras a partir do trabalho da Associação Saúde sem Limites junto às parteiras e por meio da atuação da parteira Maria das Dores da Silva (Dôra), que vêm estimulando a atuação das parteiras e a formação de aprendizes. Por conta disso, muitas mulheres pankararu estão voltando a ter seus filhos em casa, pelas mãos de parteiras.

